

Vera Lúcia Follain de Figueiredo (PUC/RJ)

A vida também é para ser lida, não literalmente
mas no seu supra-senso.

Guimarães Rosa

Coube-me a honra e a responsabilidade de dizer, neste momento doloroso, algumas palavras sobre a nossa querida professora Dirce Riedel. Nada do que eu possa falar, entretanto, estará à altura de sua inteligência luminosa. Inteligência que não estava a serviço apenas de um projeto individual, mas comprometida com a transformação do perfil do intelectual deste país, voltando-se para a construção e a transmissão do conhecimento, contrapondo-se ao academicismo vazio que se esteriliza no jogo das vaidades pessoais.

Por onde passou, sua vontade de construir, influenciou várias gerações.

Vou falar sobre a professora Dirce do ponto de vista de minha geração e mais especificamente do ponto de vista de um grupo de ex-alunos que tiveram suas vidas mudadas a partir do encontro com ela. Ex-alunos, cujo convívio com Dirce Riedel foi além das salas de aula ou do espaço profissional, que tiveram o privilégio de desfrutar da sua companhia, do humor que a caracterizava, fascinados com as suas atitudes desconstrutoras, que atraíam os mais jovens porque imprimiam um novo sentido à palavra juventude. Falo do interior de um grupo – aquele ao qual se referia como tendo lançado a moda de chamá-la de Dirce e não de Dona Dirce.

Vivemos num tempo que tende a considerar a história como um fardo ou como uma narrativa comprometida com as intenções totalizadoras: tempo em que a afirmação da liberdade, muitas vezes,

¹ Texto lido em homenagem à Professora Dirce Riedel, por ocasião da Missa de 7º dia de seu falecimento (Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 2003).

se confunde com uma espécie de cômoda amnésia voluntária. Cada indivíduo se vê como um marco zero, como se tudo começasse com ele e a partir dele. Perde-se, assim, a dimensão de todo um passado de lutas, construído com os erros e os acertos daqueles que nos antecederam. E os julgamentos são realizados com a rapidez e a leveza das simplificações, com a facilidade que a falta de memória autoriza.

A UERJ não surgiu da noite para o dia, já pronta, do mesmo jeito que a vemos agora. A Prof. Dirce participou, decisivamente, de cada passo do processo de construção da Universidade, estava presente desde o início da história desta instituição, dando continuidade ao projeto de seu pai, o Prof. Lafayette Côrtes. Talvez alguns ignorem, hoje, o quanto esta instituição deve ao trabalho incansável de Dirce Riedel: trabalho de uma vida inteira. No entanto, lembrá-la como fundadora desta casa, não basta. Ela era inquieta demais para considerar que tudo já está traçado desde as origens, para acreditar numa solidez inabalável dos alicerces. Sabia que a história se faz e se refaz a cada dia. Por isso a história da vida da Prof. Dirce se confunde com a da UERJ, mas como um texto que se dobra sobre outro texto para corrigi-lo e corrigir-se permanentemente. E o texto da vida da Dirce nunca estava pronto. Por vezes, era tão modificado que parecia querer apagar as marcas da própria autoria, como se ela desejasse deixar como legado algo diferente e não construído à sua imagem e semelhança. Como se desejasse a descontinuidade. Entretanto, esse caminhar, sem temer atalhos e desvios, era talvez o que mais a definia. Definia a intelectual pioneira, que se profissionalizou, abrindo espaço para a mulher num campo de atuação até então predominantemente masculino e pagando, sem dúvida, em sua vida particular, um preço por essa ousadia.

No Instituto de Educação, como professora do ensino médio, como coordenadora; no Instituto de Letras da UERJ, organizando a cadeira de Literatura Brasileira ou dando aula, por onde passou deixou a marca de sua diretriz pedagógica: o estímulo à liberdade de pensamento, ao crescimento sem tutela, construído no debate de idéias, sem doutrinações, sem verdades absolutas. Para a Prof. Dirce, o papel do educador era levar o aluno a descobrir o outro e a atingir a compreensão crítica a partir das circunstâncias surgidas no convívio, na experiência da troca. Esse mesmo espírito esteve presente na sua

atividade como crítica literária: seus ensaios revelam a leitora fina, fascinada pelas ambigüidades, pelas antinomias pela descoberta de múltiplos sentidos. Sua militância na educação, seu projeto de fazer da UERJ uma universidade de peso, contribuíram para que não nos deixasse uma obra crítica muito extensa. Mas as que deixou são definitivas. Foi grande intérprete da ficção de Machado de Assis, de Guimarães Rosa, dentre outros escritores brasileiros que seus ensaios nos ajudaram a ler melhor.

Por tudo isso, a maior lição que a prof. Dirce Riedel transmitiu para seus alunos foi fazê-los compreender a impossibilidade de se tornarem seus seguidores submissos, foi não ter querido ser mestra, na acepção comum da palavra. Como Nietzsche, ela considerava que nada depõe mais contra um mestre do que ter discípulos.

O ano era 1976. Quando a conheci. Primeiro dia de aula do curso que a professora Dirce Riedel oferecia no mestrado da PUC-Rio. Quando ela colocou a bibliografia no quadro-negro, houve um descompasse entre a lista de obras e a de seus autores, de tal modo que um dos livros parecia atribuído ao autor da obra relacionada a seguir. Um dos alunos observa, então que tal texto não era daquele autor. A Dirce corrige o engano na listagem, vira-se para a turma que ela acabara de conhecer e diz: “foi muito bom que isto acontecesse, porque assim aproveito a oportunidade para alertá-los: daqui por diante, desconfiem de tudo que eu disser”. A partir daí, o fascínio da turma pelas suas aulas só fez aumentar e todas as suas palavras eram recebidas com a máxima atenção.

Esta foi e será para sempre a nossa professora Dirce. Não deixou discípulos, mas soube congregiar pessoas em torno de seus sonhos, que passavam a ser sonhos de todos que com ela trabalhavam. Ao redor da Prof. Dirce, formou-se, no Instituto de Letras da UERJ, um grupo coeso. Dentre outras afinidades, os professores que o compunham gostavam de ouvi-la discordar de si mesma, de fazer afirmações nas entrelinhas, o germe da negação de suas próprias idéias, convicta apenas de que toda certeza é provisória. Talvez por isso tenha declarado numa entrevista: “embora me decepcione com facilidade, tenho o delírio da utopia”. É desta forma que nos lembraremos dela e assim como o delírio da utopia venceu, repetidas vezes, a decepção, a memória dos que a conheceram vencerá o tempo.